

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 1 | N°. 3 | Ano 2015

Molefi Kete Asante

<http://www.asante.net/>

RAÇA NA ANTIGUIDADE: NA VERDADE, PROVÉM DA ÁFRICA

TRADUÇÃO

Site/Contato

www.capoeirahumanidadeseletras.com.br

capoeira.revista@gmail.com

Editores

Marcos Carvalho Lopes
marcosclopes@unilab.edu.br

Pedro Acosta-Leyva
leyva@unilab.edu.br

RAÇA NA ANTIGUIDADE: na verdade, provém da África¹

Molefi Kete Asante²

A influência africana sobre a Grécia antiga, a mais velha civilização europeia, foi profunda e significativa na Arte, Arquitetura, Astronomia, Medicina, Geometria, Matemática, Direito, Política e Religião. Entretanto, tem havido uma campanha furiosa para desacreditá-la e reclamar um miraculoso nascimento para a civilização ocidental. Numerosos livros e artigos escritos por brancos e alguns negros conservadores procuram desmentir a influência egípcia sobre a Grécia.

Um dos mais recentes trabalhos deste gênero é um livro escrito pela professora Mary Lefkowitz de Wellesley, **Not out of Africa** (Não provém da África). Este retoma o que Martin Bernal chama em **Black Athena** (Atenas Negra) de a tradição ariana de atacar a intervenção (*agency*) africana no que diz respeito à Grécia, levantando argumentos postichos para depois derrubá-los. Isso é lamentável, mas é o esperado de uma tradição intelectual que apoia as mitologias raciais dominantes na história do Ocidente, desviando a atenção para assuntos marginais na esfera pública.

A Afrocentricidade procura descobrir agência africana em toda situação. Quem somos nós? O que fizemos? Para onde viajamos? Qual é a nosso papel no desenvolvimento da Geometria? Sendo um povo, como funcionamos nesta ou naquela situação contemporânea? Porém, os afrocentristas não estabelecem a particularidade africana como universal. Este é a diferença essencial para com a Eurocentricidade, que predomina nos Estados Unidos e em outros lugares, tomando as experiências particulares dos europeus como universais. Esta imposição é etnocêntrica e frequentemente racista. A Afrocentricidade estabelece uma perspectiva de que é possível a existência de um pluralismo de culturas sem hierarquia, mas isto exige igualdade cultural e respeito.

O livro da Mary Lefkowitz tem procurado reafirmar a ideia do que a Grécia não recebeu contribuições substanciais de Kemet, o nome original do Egito, o nome grego dado à antiga terra. A professora Lefkowitz oferece ao público uma história insensata, que ignora ou distorce evidências substanciais da influência africana sobre a Grécia nos escritos antigos de Aécio, Estrabo, Platão, Homero, Heródoto, Diógenes, Plutarco e Diodoro da Sicília. Um leitor do Livro

¹ Título original "Race in Antiquity: truly out of Africa" publicado em Maio de 2009. Disponível em <http://www.asante.net/articles/19/race-in-antiquity-truly-out-of-africa/>. Permissão para a tradução e publicação gentilmente cedida pelo autor.

² Tradução de Fernando Lopes Tomé; revisão de Marcos Carvalho Lopes.

de Lefkowitz deve decidir se ele ou ela vai acreditar naqueles que escreveram no período ou em alguém que escreve hoje. A História nos ensina que é maior a provável que uma pessoa distorça um evento quanto mais longe dele estiver, como é caso de Lefkowitz. Se tiver que fazer escolha, acredite naqueles que viram os antigos egípcios e escreveram sobre o que viram.

Os columnistas brancos conservadores têm sentido uma necessidade tremenda de responder de forma mais vigorosa e com seu aplauso, aqueles que apoiam suas mitologias raciais. E agora, George Will (*Newsweek*, 12 de Fevereiro de 1996) e Roger Kimbal (*Wall Street Journal*, 14 de Fevereiro, 1996) viram como adequado abençoar **Not out of Africa** da professora Mary Lefkowitz, como um acontecimento definitivo na história intelectual. Ele não é um acontecimento. É um argumento racial claramente retrógrado. Porém, como muitas vezes é o caso atualmente, Lefkowitz recebeu de negros tais como Antony Appiah e Henry Gates os meios para atacar a Afrocentricidade escrevendo este livro. Eles com certeza têm um problema real com a ideia afrocêntrica.

Isto indica que completamos um círculo completo entre o lema hegeliano “vamos esquecer a África” para o ataque, no fim do século XX, aos estudos africanos, declarando, apesar da evidência, que as maiores influências sobre a Grécia não provém da África. E, com isso, simplesmente, confirmar a inabilidade de alguns estudiosos de ir além da imposição de seu particularismo europeu. Ninguém pode tirar as dádivas da Europa, nem isto deve ser jamais um objetivo de estudos, mas a Grécia não pode impor-se como uma cultura universal que se desenvolveu inteiramente do nada, sem as fundações que recebeu da África.

O objetivo da professora Lefkowitz é apoiar a insustentável ideia do milagre grego e assim valorizar o mito da supremacia branca no mundo antigo. Talvez George Will e Roger Kambal acreditem ter encontrado a salvadora da tese da pureza branca. Eles estão errados. A tese não pode ser apoiada com fatos, embora a professora vá longe confundindo o quadro ao concentrar-se sobre irrelevâncias.

O trabalho da professora Mary Lefkowitz empalidece perto da pesquisa feita pelo professor de Cornell Martin Bernal, em **Black Athena**, do tardio Cheikh Anta Diop, autor de **Civilização e Barbarismo**, e do professor do Temple, Théophile Obenga, autor do importante **La philosophie africaine de la période pharaonique** (A Filosofia africana do período faraônico) ou do trabalho do professor Maulana Karenga, que será lançado em breve, sobre a ética do antigo Egito.³

³ Provavelmente: KARENGA, Maulana. **Maat, the moral ideal in ancient Egypt: A study in classical African ethics**. Routledge, 2003. (nota do tradutor).

A fanfarra com a qual a imprensa saudou **Not out of Africa**, no entanto, demonstra como barulho é confundido com música. Mas, o que é mais preocupante é que isto demonstra uma satisfação, embora desinformada, daqueles que sentem algum alívio de que uma estudiosa branca tenha desafiado os afrocentristas, um tipo da ideia de esperança branca. Isso teve origem, como eu acredito George Will mostra no seu ensaio sobre assunto, a partir da perspectiva de que é a salvação branca da irracionalidade dos afrocentristas. Origina-se na tendência histórica anti-africana e Roger Kimball exultava para que os leitores “saboreassem a dissecação definitiva do afrocentrismo”, feita por Lefkowitz. Ao invés de qualquer dissecação definitiva do afrocentrismo, o que professor Lefkowitz nós ofereceu foi uma exposição definitiva da vulnerabilidade das principais premissas de uma estrutura racial do conhecimento clássico.

Professora Lefkowitz tem familiaridade com muitas fontes gregas, mas como ela mesmo admite, é a primeira vez que se aventurou nestas águas. O que é infeliz, porque ela cria uma falsa segurança entre aqueles que acreditam que a Grécia originou-se como um milagre que nasceu do nada e nada aprendeu. Citar Frank Snowden na discussão sobre o mundo antigo não ajudou, porque o livro deste professor “**Black in Antiquity: Ephiopians in the Graeco-roman experience**⁴ (Negros na antiguidade: os etíopes na experiência greco-romana) é fatalmente defeituoso, trazendo uma interpretação eurocêntrica do passado africano. Seu objetivo foi demonstrar que os africanos existiram no imaginário e experiência da Grécia e de Roma. Ele teve sucesso em tirar qualquer protagonismo (*agency*) dos africanos. O problema é que a Etiópia, na forma de Núbia e Kemet (Egito), existiu milhares de anos antes que existisse a Grécia ou Roma. Começar uma discussão sobre mundo antigo somente em 800 a. C. é, certamente, um saber pobre. Mas, a confiança da professora Lefkowitz em Snowden é o menor dos seus problemas.

O livro foi mal escrito e é terrivelmente redundante, como se ela estivesse com pressa para aumentar um argumento relativamente pobre. Quantas vezes você pode realmente falar que George G. M. James não deveria ter usado o termo “Stolen Legacy” (Legado Roubado) quando ele reclama que os africanos influenciaram os gregos? Professor James certamente teve tanta justificativa retórica quanto a professora Lefkowitz, quando ela escolheu o não delicado título **Not out of Africa**⁵ (Não provém da África), provavelmente pela mesma razão que o professor James intitulou o seu livro de **Stolen Legacy** (Legado Roubado).

As classes no poder sempre procuram promover e manter as mitologias que justificam seu domínio. A paixão da professora Lefkowitz está em tentar caminhar em uma corda bamba

⁴ SNOWDEN, Frank M. **Blacks in antiquity: Ethiopians in the Greco-Roman experience**. Harvard University Press, 1970.

⁵ LEFKOWITZ, Mary. **Not out of Africa: How Afrocentrism became an excuse to teach myth as history**. Basic books, 2008.

entre o apoio da falsa mitologia do milagre grego e o que dizem os fatos sobre a influência egípcia sobre a Grécia. Ela procura minimizar a função que o Egito teve no desenvolvimento da civilização grega, alegando que somente na arte e na arquitetura existe uma influência real. Isso vai contra os antigos observadores e beneficiários da generosidade dos africanos.

O livro de Mary Lefkowitz **Not out of Africa** (Não provém da África) tem demonstrado o tremendo poder de uma falsa ideia, especialmente quando ela é promovida nos auditórios acadêmicos. Eu chego a acreditar que esta é uma parte de uma falsificação mais ampla que abarca várias ideologias que a direita ostenta como verdade. Elas estão enraizadas no mesmo dogma: razão é um dom dos gregos. Os gregos são europeus, europeus são brancos, os brancos deram ao mundo razão e a filosofia. Esse não é somente uma má ideia, mas também uma falsa ideia. É má ideia, porque prega o triunfalismo europeu e é uma falsa ideia porque os registros históricos são contrários. Tragicamente, a ideia de que os europeus tem alguma habilidade intelectual ou científica diferente é uma doutrina aceita e alguns acadêmicos vão longe para sustentá-la. Geralmente, como Lefkowitz faz, eles cometem quatro falhas fundamentais:

1. Eles atacam assuntos insignificantes ou triviais para obscurecer o ponto principal.

Professora Lefkowitz tem três eixos para triturar no seu livro. O primeiro é de uma estudante que lhe contou que Sócrates era negro. O segundo é de que os deuses gregos originaram-se na África, o que ela atribui a Martin Bernal, o autor de “**Black Athena**”⁶ (Atenas Negra), e Cheik Anta Diop, o autor de “**The African Origin of Civilization**”⁷ (A origem africana da civilização). O terceiro é de que a maçonaria é a fonte da reivindicação de George James, no seu livro **Stolen Legacy**⁸ (Legado Roubado) de que os gregos pegaram muitas de suas maiores ideias dos egípcios.

O principal ponto levantado pelos afrocentristas é de que a Grécia tem uma substancial dívida com o Egito, e de que o Egito é anterior à Grécia e deve ser considerado como quem mais contribuiu para o nosso conhecimento atual. Eu penso que posso dizer, sem dúvida, que afrocentristas não passam tempo discutindo se Sócrates ou Cleópatra eram negros. Eu nunca vi essas ideias escritas por um afrocentrista, nem as ouvi sendo discutidas em quaisquer fóruns afrocêntricos. A professora Lefkowitz nos fornece como um incidente a partir de um boato, que ela provavelmente relata com precisão. Este não é um argumento afrocêntrico.

Acredito que tanto Bernal quanto Diop têm feito trabalhos admiráveis dando sua própria contribuição sobre as origens lendárias dos gregos e acredito que os leitores devem ir eles

⁶ BERNAL, Martin. **Black Athena: The fabrication of ancient Greece, 1785-1985**. Rutgers Univ Pr, 1987.

⁷ DIOP, Cheikh Anta. **The African origin of civilization: Myth or reality**. Chicago Review Press, 1989.

⁸ JAMES, George GM; ASANTE, Mofeli Kete. **Stolen legacy: Greek philosophy is stolen Egyptian philosophy**. Trenton, NJ: Africa World Press, 1992.

mesmos às fontes, para ver neste caso, se eles ou a professora Lefkowitz, é mais convincente. Estou convicto a partir da minha leitura que o relacionamento entre a antiga Grécia e África era próximo e mais familiar que o relacionamento grego com a Europa do norte.

2. Eles fazem afirmações e oferecem as suas interpretações como evidência.

Professora Lefkowitz afirma na página 1 do seu livro que “Nas universidades americanas hoje nem todo mundo sabe o que os afrocentristas extremos estão fazendo em suas salas de aulas. Ou mesmo, se sabem, preferem não questionar”. Nós começamos mau. Quem são esses afrocentristas extremos? Ela não nos fornece um exemplo de alguma coisa que um afrocentrista extremo está ensinando na sala de aula. Nenhum. Mas, já que o leitor está inclinado a acreditar que alguma coisa existe onde nada existe. Não importa quão apaixonada, uma afirmação não é uma evidência. O que afrocentristas realmente ensinam é que você não pode começar uma discussão da história do mundo com os gregos. Criando nuvens de suspeita acerca dos colegas acadêmicos para apoiar a mitologia racial desenvolvida há séculos para acompanhar a escravização europeia dos africanos, o imperialismo e a exploração, não dissipam o fato da dívida grega para com a África.

3. Eles comprometerão escritores que eles anteriormente apoiavam para manter a ficção de um milagre grego

Professora Lefkowitz e outros que, uma vez, consideraram Heródoto o “Pai da História” agora descobriram equívocos dele, porque como os afrocentristas leram o Livro 2 das Histórias e descobrimos que este autor glorifica as realizações do Egito em comparação com à Grécia. Mas Heródoto não é o único escritor grego antigo a ser ignorado pelos classicistas que aceitam o que Bernal, corretamente, chama de interpretação ariana do mundo antigo.

Aristóteles relata que os egípcios deram ao mundo o estudo da geometria e matemática e os arianistas argumentam que Aristóteles enganou-se nestas observações. Professora Lefkowitz leva a recusa dos gregos antigos para um novo nível, dizendo, essencialmente que você não pode acreditar em Homero, Diógenes Laércio, Plutarco, ou Estrabão. O seu posicionamento é que Estrabão, assim como Heródoto, dependiam demasiadamente do que os sacerdotes egípcios lhe disseram. Todo grego que escreveu sobre o decisivo impacto do Egito (África) sobre Grécia (Europa) é desacreditado ou levado ao descrédito pelos arianistas. A ideia de abandonar os autores gregos baseia-se na crença de que esses escritores gregos antigos não podem ser contabilizados para sustentar as teorias de supremacia branca.

4. Anunciam que ambos os lados de uma questão são corretos, para então movimentarem-se para sustentar unicamente o lado que apoia o triunfalismo europeu.

A professora Lefkowitz poderia admitir que o Egito durante tempo dos faraós, em qualquer interpretação que você tem daquela sociedade antiga, por exemplo, era ornamentado com Escolas de Mistérios ou simplesmente cheio de guardiões de mistérios nos templos de Ipet Sut, Edfu, Kom ombo, Philae, Esna, Abydo e noutras cidades, que foram fonte de muito do conhecimento grego. Porém, ela reivindica que o único impacto real do Egito sobre a Grécia ocorreu na Arte e na Arquitetura. Isso é declarar um fato obvio para obscurecer as mais profundas influências na ciência, astronomia, geometria, literatura, religião, matemática, direito, administração, música, medicina e filosofia.

Os pontos principais da professora Lefkowitz são não só defeituosos, mas também sua argumentação é falha e não pode ser sustentado por qualquer investigação dentro das línguas gregas ou egípcias ou dentro da história antiga. Ela deseja saber porque a perspectiva afrocentrista é aplausível para muitas pessoas inteligentes. Certamente ela é plausível para pessoas inteligentes, porque estas não acreditam que houvesse um único tipo de inteligência que caiu sobre os gregos e criou arbitrariamente um simplista milagre grego, sem contato com o mundo civilizado. Na maioria de casos, conhecimento constrói-se sobre conhecimento. No caso dos antigos gregos, eles nos dizem que construíram a partir dos egípcios. Devemos confiar neles ou devemos confiar nos interpretes arianistas modernos que querem ignorar observadores gregos antigos?

Quais são argumentos substanciais defendidos por afrocentristas, não os boatos feitos por uma estudante ou alguma réplica retórica entre debatedores públicos? O que os afrocentristas articulam⁹ é de que os gregos eram estudantes dos egípcios. Os leitores devem ver as obras de Yosef Ben-Jochannon e George G. M. James por si mesmo, em vez de confiar nas interpretações equivocadas e distorções dos outros.

Em relação a estes fatos defendemos que:

- Os antigos egípcios eram negros.
- A civilização egípcia precede a Grécia por vários milhares de anos.
- As pirâmides estão completas (2500 a. C.) muito antes de Homero aparecer (800 a. C.).
- A Filosofia teve origem na África e os primeiros filósofos gregos (Tales, Sócrates) estudaram no Egito.
- A discussão sobre o sábio, da sabedoria (sb,) aparece no túmulo de Antef em 2052 a. C.
- Tales de Mileto não é filosofo antes de 600 a. C.

⁹ Veja ASANTE, Mofeli Kete. **Kemet, Afrocentricity and knowledge**. Trenton, NJ: Africa World Press, 1992.; e Theophile Obenga, OBENGA, Theophile. **A lost tradition: African philosophy in world history**. Source Editions, 1995.

Ente os historiadores gregos e aqueles que escreveram sobre o que aprenderam do Egito estão Homero, Heródoto, Iambo, Aécio, Diodoro da Sicília, Diógenes Laércio, Plutarco e Platão. Quem eram, de acordo com registros antigo, alguns dos estudantes gregos dos africanos? Eram Platão, Sólon, Licurgo, Demócrito, Anaximandro, Anaxágoras, Heródoto, Homero, Tales, Pitágoras, Eudoxo, Isócrates e muitos outros. Alguns desses estudantes também escreveram, eles mesmos, sobre seus estudos no Egito.

Há muitos outros pontos que são discutíveis no livro da Lefkowitz, mas eu não tenho espaço para discutir todos eles neste ensaio. No entanto, eu quero salientar que ela também está errada sobre Alexandria. A cidade da Alexandria construída em honra de Alexandre da Macedônia não era uma cidade nova: os gregos simplesmente expandiram uma cidade existente e mudaram seu nome. A cidade antiga egípcia de Rhacôtis, que provavelmente teve um nome ainda mais antigo, foi a original cidade africana original sobre a qual Alexandria foi construída, assim como Kinshasa, sob autoridade dos belgas, foi expandida e renomeada para Leopoldville. O triunfalismo arranja um jeito de insinuar-se tudo, para depois, alegar que este é o original.

Finalizando, tenho me perguntado, qual é o objetivo da professora Lefkowitz? Por que vê necessidade de desafiar Bernal, James, Diop, ou de questionar minha integridade? Ela declara muito claramente que seu projeto sustenta o Mito Americano de Triunfalismo Europeu. Nas suas palavras:

qualquer tentativa de questionar a autenticidade da antiga civilização grega provém de pessoas que cotidianamente têm pouco interesse pelo passado remoto. Desde a fundação desse país, a Grécia Antiga tem sido vinculada intimamente aos ideais da democracia americana.

Ninguém podia ter dado uma melhor razão do que esta que a professora Lefkowitz, espiritualmente, mas de modo mal direcionado, tentativa de defender uma falsificação da história com o objetivo de atacar a Afrocentricidade. Quando tudo é dito e feito para propiciar uma união mais perfeita desta nação, só se pode estar fundamentado em fatos.

Mofeli Kete Asante

Mofeli Kete Asante é professor titular do departamento de Estudos Afro-americanos da Universidade de Temple na Filadélfia (EUA), onde fundou e implantou o primeiro programa de doutorado em Estudos Afro-americanos dos Estados Unidos. Fundou e foi curador do Museu de artes e antiguidade africanas na cidade de Búfalo, NY. Viaja frequentemente à África, tendo se radicado durante vários anos no Zimbábue e se tornado chefe tradicional (rei) em Gana, sob o título de Nana Okru. Sua inovadora contribuição ao pensamento

contemporâneo e aos estudos africanos esta reunida nas obras **Afrocentricity** (2003), **Kemet, afrocentricity, and knowledge** (1990) e **The history of Africa** (2007).
